

**HISTÓRIA E MEMÓRIA:
DEBATE SOBRE A CONSTRUÇÃO
HISTÓRICA DA ORIGEM
E FUNDAÇÃO DE
JARAGUÁ - GO**

DULCE MADALENA RIOS PEDROSO*

Resumo: *este artigo apresenta uma discussão em torno da fundação da cidade de Jaraguá – Goiás - que se deu na década de 1730 em virtude da exploração aurífera. Para referenciar tal discussão existem a documentação histórica e a memória. A primeira, apontando o descobrimento das jazidas por negros faiscadores, em 1736; e a segunda, forjada possivelmente no século XX, indicando que as lavras teriam sido descobertas e exploradas, em 1731, pelo rico mineiro português Manoel Rodrigues Tomaz, fundador de Pirenópolis.*

Palavras-chave: *Memória. Jaraguá. Fundação. Documento Histórico. Manoel Rodrigues Thomaz.*

A cidade de Jaraguá surgiu com a exploração do ouro no século XVIII como arraial do Córrego de Jaraguá. Posteriormente, tornou-se Vila de Jaraguá, pertencendo ao Julgado de Meia Ponte (nome anterior de Pirenópolis), vindo a emancipar-se em 1882. Mas criou-se uma polêmica entre estudiosos da história da cidade sobre essa relação entre o descobrimento do ouro e o início da formação do núcleo populacional que se tornou, depois, cidade de Jaraguá. Ou seja, a documentação escrita e a memória popular não coincidem acerca do início da exploração do ouro e o estabelecimento do antigo arraial.

A documentação histórica, bem como autores clássicos da historiografia goiana e cronistas europeus, atribuem o descobrimento do ouro em Jaraguá a negros faiscadores, em 1736 e/ou 1737. Tais autores são Custódio Pereira da

Veiga (1783), Raimundo José da Cunha Mattos (1823), Luiz D'Alincourt (1816), Johann Emanuel Pohl (1821), Auguste de Saint-Hilaire (1819) e Luiz Antônio Silva e Souza (1812). Contudo, autores contemporâneos, do século XX, apontam o mineiro português Manoel Rodrigues Thomaz como o primeiro explorador daquelas minas (ZOROASTRO ARTIAGA, 1951; JARBAS JAYME, 1971; NELLY ALVES DE ALMEIDA, 1982). Esses autores escreveram a partir de informações provenientes da tradição e da memória popular dos jaraguenses.

Entretanto, acredito que esta polêmica acerca dos inícios de Jaraguá só poderá ser elucidada através do debate acadêmico em que a discussão torne-se mediada pelas categorias e noções científicas da história. É interessante observar, no estudo sobre as origens da cidade, que as fontes históricas - escrita e oral - são contraditórias. Assim sendo, como se dá a construção histórica nesta dimensão?

O debate atual da historiografia apresenta-se com uma nova forma de interpretar os fatos históricos, ou seja, com um novo paradigma. Este caracteriza-se pelo momento em que se dá a ruptura da história com a exclusividade da verdade científica positivista. Isto ocorre em virtude da reabilitação da memória enquanto fonte histórica. Esta nova concepção, em que se colocou a memória no bojo do debate histórico, mostrou que existe uma infinidade de vozes e, assim, também variedades de leituras possíveis sobre o passado. A ênfase recai na interpretação do sentido das palavras, a hermenêutica, assim como no estudo da memória a interpretação do passado. Durante a Modernidade, a memória foi desacreditada, sempre olhada com desconfiança. A partir de então, a memória adquire a credibilidade necessária, reconhecendo-se sua importância na produção do conhecimento histórico. Diehl (2002), estudioso das questões acerca da memória, coloca uma questão importante: a memória pode revelar muita coisa e, diante dessa infinidade de possibilidades, o historiador duvida da certeza da reconstituição de um único passado. A polissemia indicou

a necessidade de se buscar outros conhecimentos construídos por abordagens da ciência - é o diálogo com a interdisciplinaridade - e, ainda, deve-se constituir um arcabouço teórico da investigação a que se propõe.

Porém, a memória, para gozar de credibilidade enquanto fonte histórica, deve submeter-se ao critério crítico de teorização e metodização. Assim, deve ser controlada com rigor metodológico. O que significa que ela não pode ser utilizada a bel prazer. A informação proveniente da memória de outrem precisa ser contextualizada na história pois a memória tem um caráter relativo, é uma representação da experiência vivida pelos homens em sociedade, necessitando, por isso, uma crítica interna e externa. Desse modo, é importante considerar questões político-ideológicas de quem transmite a informação - seja o narrador, os memorialistas ou historiadores - uma vez que é de extrema relevância a origem das informações históricas. Ensina Halbwachs (2004) que a memória coletiva é estreitamente condicionada ao grupo social em que o sujeito vive. Assim, nem sempre possui o compromisso com a verdade e é peculiar às sociedades vivas; pode viver ou também, como seus habitantes, pode morrer. Em sua natureza, a memória pode ser manipulada, construída, inventada, ser transmitida de geração em geração e tornar-se uma história oficial.

Uma outra discussão da historiografia, cabível neste trabalho, constitui-se no sentido da história. Para que serve a história? A história, como processo que se desenrola no passado, segundo J. Rüsen (2001), tem sentido quando é importante e significativa para se entender e para se lidar com as circunstâncias da vida contemporânea. Seu valor está no fato de que o passado oferece a experiência de que se necessita para orientar o presente e para desenvolver uma sólida perspectiva de futuro. Seu sentido esclarece que as transformações do mundo humano, no passado, possuem uma qualidade subjetiva que o leva a participar da orientação prática da vida. O sentido estabelece uma ponte entre a experiência e a intenção, permeada pela relação do homem com o tempo.

A consciência humana é constantemente influenciada pelos acontecimentos da vida cotidiana, os quais deve transformar, por meio da interpretação, em intenções, através das quais os sujeitos dão forma à sua vida, à sua relação com o mundo, à sua relação consigo mesmos e ainda, à sua relação com os outros. A palavra sentido, neste caso, designa um procedimento mental envolvendo a capacidade para a percepção e tem a ver com o jogo de idéias a partir dos cinco sentidos. Esta relação determina o sentido da história, pois, representa o acontecido no passado e o relato a seu respeito. Esta relação também se processa no interior do sujeito, e se dá não como uma coisa morta, que passou, e sim como uma força viva em si mesma, que estabelece uma relação com o presente, de tal forma que para o sujeito se abre uma perspectiva de futuro que passa a orientar a sua ação. Ainda, segundo Rüsen (2001), a consciência histórica realiza a construção de sentido em relação à percepção do tempo. Construção de sentido na história refere-se à percepção e à interpretação da mudança contingente no transcurso do tempo, refletida na vivência do passado, à orientação da vida atual no contexto da mudança e à motivação da ação intencional motivada por essa mudança. O que significa essa teorização de Rüsen sobre a construção de sentido quanto à história relacionada aos primórdios da cidade de Jaraguá? Tudo isso diz respeito a como os jaraguenses, mediante procedimentos mentais, interpretaram a sua história e construíram um sentido histórico a partir de suas vivências, da percepção do transcurso do tempo e do modo de orientar suas vidas numa perspectiva de futuro. Esta formulação histórica da comunidade é a qualidade subjetiva que o sentido histórico possui. Além do mais, é importante ter em mente que o que aconteceu no passado e o que se relatou a respeito, nada mais significa que uma interpretação do sujeito, que assim estabelece uma relação com o presente. A escrita do evento histórico traz o passado para o presente.

COMO SE ARTICULAM A ABORDAGEM TEÓRICA E A PESQUISA HISTÓRICA?

Neste estudo de caso, apresentam-se as ferramentas metodológicas que nos ajudarão a compreender essa questão polêmica. Assim, passemos a analisar mais detalhadamente as duas versões acerca do descobrimento das jazidas de ouro de Jaraguá: aquela apresentada pela documentação histórica escrita e a outra baseada na memória popular da referida cidade.

A documentação histórica escrita informa que negros faiscadores do ouro descobriram jazidas no local onde floresceu a cidade de Jaraguá. Entretanto, tal documentação também origina-se na memória. Recuemos no tempo para compreendermos como se deu o registro dos primórdios de Goiás. Em 1782, D. Maria I, Rainha de Portugal, mediante a Ordem Régia, determina a cada governador e ouvidor das Capitanias do Brasil que escrevessem as memórias anuais de suas respectivas unidades, registrando estabelecimentos, fatos, coisas notáveis e dignas sucedidas desde a fundação. Caberia à Câmara dos vereadores escrever a história de sua Capitania.

Assim surgem os primeiros registros da memória da população sobre os inícios de Goiás. O primeiro deles, em cumprimento a essa Ordem Régia, foi escrito em 1783, 57 anos após o início da colonização portuguesa em Goiás. Tal memória tem como título “*Descrição da Capitania de Goyaz, e tudo que nela é notável até o ano de 1783*”. Sobre Jaraguá registrou-se que o arraial estava subordinado a Meia Ponte e sobre o descobrimento do ouro informa que o fato se deu em 1736, por pretos faiscadores.

Ainda em consequência do cumprimento à Ordem Régia, encontrou-se outra descrição, em forma de memória, escrita em 1785: *Memória do descobrimento e coisas notáveis da Capitania. Por Custódio Pereira da Veiga, escrito no ano de 1785. Memórias anuais escritas no ano de 1785*. O conteúdo

das informações é praticamente o mesmo daquele escrito em 1783, com poucas informações adicionais.

Certamente, houve várias memórias nesse período, em cumprimento à Ordem Régia da Rainha de Portugal. O consagrado trabalho de Silva e Souza *Memória do descobrimento e cousas mais notáveis da província de Goiás*, escrito em 1812, possivelmente em obediência à Ordem Régia, refere-se ao arraial do Córrego de Jaraguá, repetindo o conteúdo das memórias de 1783 e 1785 no que diz respeito ao descobrimento das jazidas de ouro.

Os viajantes europeus, como Pohl, Saint-Hilaire, D'Alincourt e Pizarro, e ainda Cunha Matos, governador das armas em Goiás, todos percorreram a Capitania de Goiás no período correspondente às duas primeiras décadas do século XIX, registrando impressões, costumes e a história do surgimento dos arraiais auríferos. Todos eles registraram as informações coletadas entre os habitantes do arraial, relatando que as minas de Jaraguá foram descobertas por negros faiscadores do ouro, porém as datas ali contidas variam entre 1736 e 1737.

Aos relatos registrados nas memórias anuais do final do século XVIII e nas informações extraídas dos habitantes do arraial de Jaraguá, pelos cronistas europeus das primeiras décadas do século XIX, chamaremos de memória antiga. Esta perdurou desde o final do século XVIII até a época dos viajantes e, possivelmente, tenha continuado durante um determinado tempo, até quando cessou de se transmitir de geração em geração.

Assim, uma nova versão acerca do descobrimento das minas de ouro em Jaraguá substituiu a memória antiga, baseando-se na memória local e na tradição. Estudiosos da história de Goiás como Zoroastro Artiaga (1951), Jarbas Jayme (1971), bem como a escritora jaraguense Nelly Alves de Almeida (1982) atribuem ao bandeirante português, Manoel Rodrigues Thomaz, Guarda-Mór das minas de Meia Ponte (e seu fundador), a descoberta de ricas jazidas de ouro também

em Jaraguá, em 1731. Contudo, segundo argumento dos autores, Thomaz não pôde explorá-las em virtude das acusações que pesavam sobre ele, dirigindo-se, então, para o norte a fim de explorar as minas do Rio Maranhão. As informações transmitidas por Artiaga, Jayme e Almeida possuem variações, porém a descoberta do ouro e a antecipada colonização de Jaraguá estão ligados à figura do bandeirante português.

A análise da documentação histórica pesquisada permite sugerir que a versão do descobrimento das minas de Jaraguá, pelo bandeirante Thomaz, consolidou-se no século XX. Contudo, nem todas as fontes produzidas no referido século foram unânimes com relação ao descobrimento e exploração das jazidas por Thomaz. A *Enciclopédia dos Municípios Brasileiros* (1958) informa que não se sabe ao certo a data em que teve início a povoação de Jaraguá. Entretanto, sem mencionar o bandeirante português, fala de uma exploração clandestina do ouro. Já o *Levantamento Histórico e Econômico dos Municípios Goianos* (1971) registra a versão dos negros faiscadores do ouro, em 1737, como descobridores de jazidas em Jaraguá.

QUEM FOI MANOEL RODRIGUES THOMAZ?

Em um trabalho anterior (PEDROSO, 1999) em que enfoco a questão dos primórdios de Jaraguá, realizei uma pesquisa sobre a vida de Manoel Rodrigues Thomaz nos começos de Goiás; historiadores contemporâneos apresentam esse rico mineiro português como uma figura enigmática e misteriosa, considerado pela história tradicional como um homem irrequeto, desordeiro e brigão, fundador de vários arraiais auríferos em Goiás. Bertran (1985) realizou uma ampla pesquisa sobre Thomaz – consultando documentação histórica e relatos de cronistas e historiadores – e a contextualizou no tempo em que havia disputas de poder no início do povoamento de Goiás, supondo que, por trás das acusações impetradas contra Thomaz, havia uma luta velada entre os

mineiros das “minas de Goyases” e o governo colonial. Esse era o tempo inicial da exploração das jazidas em Goiás, quando essas terras ainda pertenciam à Capitania de São Paulo. Além do problema político, Thomaz estava sendo acusado de ter se apropriado dos direitos reais nos descobertos auríferos do arraial do Maranhão, em 1730, pois era costume em tal situação reservar ao rei o riacho mais rico em ouro. Thomaz era irrequieto, explorando minas, simultaneamente, em Meia Ponte, no Rio Maranhão, cuja povoação foi transferida para Água Quente, que também possuía jazidas de ouro exploradas por ele (BERTRAN, 1985). Em 1732, Thomaz dirige-se a São Paulo para responder às acusações, é preso e, por falta de provas, é solto em setembro de 1733, com a promessa de jamais retornar às minas de Goiás. Assim, a documentação histórica coloca-o como descobridor das minas de Trahiras e de São José do Tocantins (Niquelândia). Certamente, naquele início da colonização de Goiás, quando estas terras ainda pertenciam à Capitania de São Paulo, havia uma distinção entre as minas dos Goyases e as minas do Maranhão, daí, Thomaz ser considerado o fundador de Trahiras e de São José do Tocantins, em 1735/1736.

A questão que se levanta é: como tal bandeirante poderia estar em tantos lugares ao mesmo tempo? Pirenópolis, Rio Maranhão, posteriormente, Água Quente e ainda em Jaraguá? As longas distâncias duravam semanas para se percorrer. O que havia em Goiás naquele tempo eram picadas, transpondo grossas matas. Jaraguá se posiciona na borda do mato grosso goiano, de espessas matas, tornando-se difícil transpassá-las. O mapa de Tossi Colombina, elaborado em 1751 (CHAIM, 1974), mostra que a estrada primitiva, aquela que ligava Meia Ponte à Capital, passava pelas bordas da região de Jaraguá. A picada primitiva, que se tornou posteriormente a estrada real, passava mais ao sul, cruzando o rio Uruhú, passando pelo arraial de Ouro Fino e, depois, Vila Boa. Não se conheciam as minas de Jaraguá, simplesmente, porque essa cidade ficava entre Vila Boa e Meia Ponte, como

querem argumentar alguns. Além do mais, a documentação histórica do século XVIII e primeira metade do século XIX não se refere a Thomaz como descobridor de jazidas em Jaraguá. No livro de *Registro de Batismo de Pirenópolis – 1732 a 1747*, consta que o primeiro batizado de uma criança do Córrego de Jaraguá foi realizado em 1741 e, não era Thomaz, o dono do escravo que nascera. Aliás, neste mesmo livro de batizados de Meia Ponte aparece Manoel Rodrigues Thomaz e Leonor Leme como padrinhos de uma criança, em 3 de abril de 1732. Em várias publicações a respeito do referido mineiro português, seu último sobrenome aparece como “Thomar”, porém, neste mesmo registro de batismo do arraial de Meia Ponte, seu nome aparece como Manoel Rodrigues Thomaz, com a letra “z” no final e não com a letra “r” como se pode notar em variadas obras.

A questão que se coloca consiste em saber como a memória popular de Jaraguá transformou-se ao longo do tempo? Antes de apresentar uma hipótese sobre essa questão, torna-se pertinente apresentar um pouco da história dos inícios de Jaraguá.

BREVE RELATO SOBRE O POVOAMENTO EM JARAGUÁ

No início de seu povoamento, em virtude da exploração das minas de ouro, Jaraguá atraiu famílias e pessoas de várias origens como portugueses, paulistas, fluminenses, cariocas, entre outros, conforme se observa ao manusear a documentação histórica escrita. Infelizmente, essas informações ainda não foram sistematizadas e nenhum estudo significativo sobre essa temática foi realizado.

Desde o início da exploração das minas, já se praticavam as atividades agropastoris. As jazidas de ouro, em Jaraguá, não se esgotaram completamente ao longo do século XVIII e início do século XIX. O famoso engenho de São Januário foi estabelecido bem no início da implantação do arraial (SOUSA,

1997). Jaraguá possuía uma posição geográfica favorável – a Estrada Real passava pelo arraial, ligando o arraial de Meia Ponte a Vila Boa e passando por outros arraiais –. Além de estar posicionada nas proximidades da capital, também estava próxima da estrada que se dirigia ao norte, mais precisamente ao caminho que levava às minas do Rio Maranhão, como Água Quente, Cocal, Traíras, São José do Tocantins, entre vários núcleos populacionais auríferos daquela região.

O arraial do Córrego do Jaraguá recebeu migrantes de centros mineradores decadentes desde o final do século XVIII. William Burchell, na visita que fez ao povoado em 1826, observou que o arraial era um centro de atração de migrantes (FONSECA, 1999). O viajante inglês fixou a imagem de Jaraguá num bico de pena, mostrando o largo da Matriz N. S. da Penha e da rua Direita.

As pesquisas realizadas por vários estudiosos da história de Jaraguá mostram o quanto essa cidade recebeu influência de Pirenópolis em vários aspectos. Estudos de Elizabeth Duarte (1999) apresentam a grande movimentação interna de pessoas naquela província. Em suas pesquisas, destaca a migração de famílias e indivíduos provenientes de decadentes centros mineradores do médio norte (hoje norte do estado de Goiás) durante a primeira metade do século XIX. Neste sentido, estudos de Pedroso (1999 e 2004) e Luciano Fonseca (1999) também contribuem para um melhor conhecimento de migrações destas famílias para Jaraguá. Duarte, no trabalho em destaque, também se refere à migração de indivíduos de Minas Gerais, na segunda metade do século XIX, para a cidade goiana. Anterior à pesquisa de Duarte, o grande estudioso das famílias de Goiás, Jarbas Jayme, em sua obra *Famílias Pirenopolinas*, composta por sete volumes, apresenta a intensa movimentação humana em território goiano, sempre acolhendo imigrantes. Em sua investigação, Jarbas Jayme registrou além dos nomes dos membros de determinada família, outras informações importantes como, por exemplo, como se constituíam os casais para as núpcias, qual a origem de tais indivíduos etc.,

recompondo assim preciosas informações históricas. Nessa pesquisa, Jarbas Jayme mostra o quanto os arraiais de Jaraguá e Pirenópolis encontravam-se ligados por laços de casamento e parentesco, além da proximidade geográfica. Importantes famílias jaraguenses, com representante hoje na cidade, são provenientes de Pirenópolis, migrados na segunda metade do século XIX. Duarte (1999) e Fonseca (1999) mostram a afinidade cultural entre Pirenópolis e Jaraguá, principalmente quanto às manifestações culturais e à música.

HIPÓTESES PRELIMINARES

A questão já levantada, linhas atrás, sugere a pergunta: como a memória, a respeito das origens da cidade, transformou-se? A hipótese que se levanta é a de que, num determinado momento - ainda não identificado - a comunidade jaraguense questionou a respeito de suas origens. Porém, a memória antiga não permaneceu entre seus habitantes. A chegada de imigrantes, desde a primeira metade do século XIX, pode ter contribuído para que essa história não fosse repetida continuamente e desse modo, não fosse transmitida. Como observa Thompson (1992), para ouvir e contar histórias é preciso estar disposto; talvez os imigrantes não se interessassem por essas histórias; eles trouxeram outros propósitos e outras histórias dos lugares de onde vieram. O que mostra que a memória sobre o descobrimento das minas de ouro por negros faiscadores foi apagada da memória dos habitantes de Jaraguá em algum momento.

Entretanto, a memória antiga sobreviveu apenas porque foi escrita e tornou-se, desse modo, um documento histórico. Entre uma e outra versão sobre a história da fundação de Jaraguá não se sabe quanto tempo transcorreu. No entanto, na comunidade jaraguense havia uma vazia a ser preenchida, uma necessidade social de se conhecer as origens da cidade; era necessário construir um sentido histórico com vistas a um futuro promissor que se reserva-

va para a cidade. Esse núcleo urbano sempre se destacou em Goiás durante toda a sua história. Assim, a versão de Thomaz como descobridor das minas de ouro de Jaraguá poderia corresponder aos anseios daquele grupo de pessoas. A história precisa fazer sentido para aquela comunidade, tem que se parecer com ela. Assim, naquele momento, Jaraguá precisava de uma história de desbravadores, de homens corajosos e aventureiros, tentando fazer riqueza. O fundador de Pirenópolis se encaixava no perfil desejado. Nada mais interessante que uma história de mistério, coragem e aventura ligada às origens de uma cidade.

Quanto a essas versões, Duarte (1999) apresenta uma questão interessante: como Meia Ponte (Pirenópolis) é próxima a Jaraguá, considerou-se que, quem descobriu uma mina, descobriu outra, devido à proximidade das duas; ademais o rio das Almas, que nasce em Meia Ponte, passa muito próximo a Jaraguá, o que faz pensar que Thomaz subiu o rio das Almas, avistou a serra e passou a explorar o ouro dali.

Assim, acredito que a figura de Thomaz como fundador de Pirenópolis, foi tomada de empréstimo pela comunidade jaraguense, mesclando-se fatos reais (o processo da Coroa Portuguesa contra Thomaz) com o imaginário. Além do mais, Thomaz faz parte do imaginário da fundação de vários arraiais auríferos de Goiás, pois, andou e explorou ouro, segundo a documentação histórica, em Pirenópolis, arraial do Maranhão, Água Quente, Trahíras e Niquelândia. Ele foi contemporâneo de Bartolomeu Bueno nos começos da ocupação de Goiás. Esta versão, ligada ao descobrimento do ouro em Jaraguá por Thomaz, parece ter sido um caso de reordenação da memória, passando através de gerações. Acredita-se que esta também tenha sido uma grande influência de Pirenópolis sobre Jaraguá. Seria mais interessante uma cidade goiana ter como fundador um homem branco, rico, impetuoso, aventureiro, irrequieto que desafiou autoridades governamentais, do que a figura de negros faiscadores à procura de ouro.

Quando se atribui a negros faiscaidores a descoberta de jazidas de ouro no córrego do Jaraguá, não significa que esses escravos fundaram o arraial. Na história de Goiás, como mostra Gilka Vasconcelos F. de Salles (1983), várias jazidas foram encontradas por escravos já práticos em socavões. Contam-se, além de Jaraguá, as minas de São Miguel de Thesouras, Pilar e Cocal. Desse modo, os escravos podiam comprar ou ganhar a alforria de seus senhores, devido aos achados.

A versão que atribui o descobrimento do ouro a Thomaz foi aceita pela comunidade jaraguense. Nas últimas décadas do século XX, esta história foi transmitida a alunos do primeiro grau e, até pouco tempo, era ainda repetida mesmo por alguns professores. Apesar de haver a disposição de trabalhos que questionam tal versão (por exemplo, PEDROSO, 1999) a comunidade jaraguense continuou a aceitar a versão do descobrimento do ouro por Thomaz, durante quase 10 anos, sem sequer discutir, mais cuidadosamente, à luz das ferramentas oferecidas pelo método de estudo da história. A isso acrescenta-se a falta de interesse entre os professores, além do desconhecimento de aspectos que envolvem a memória coletiva.

Contudo, tenho observado que, a partir de 2009, esse debate tem atingido um número significativo de professores do ensino fundamental e médio de Jaraguá, à medida que surgem uma exigência ou interesse das instituições oficiais de educação do país sobre a história regional. Conta-se também com o surgimento de trabalhos sobre a cidade que apresentam versões divergentes sobre os inícios de Jaraguá, versões estas levadas aos professores através de publicações e defesas de dissertações de mestrado e tese de doutorado. Há um fenômeno interessante a respeito da história da cidade: os alunos e professores não aceitam a existência de duas ou mais versões. Com o objetivo de ampliar o debate e obter respostas aceitáveis, a prefeitura municipal de Jaraguá organizou o *I Simpósio da História da Fundação de Jaraguá*, em

maio de 2010, a fim de debater esta questão e retirar uma proposta mais próxima possível da verdade.

Por estar amparada na documentação histórica escrita, a versão que informa que, em 1736, negros faiscadores descobriram ouro no córrego do Jaraguá (antigo nome da cidade) foi a proposição oficialmente aceita. Vale esclarecer que a cidade celebra seu aniversário todo 29 de julho e a sua idade cronológica sempre foi contabilização a partir de sua emancipação relativa à cidade de Pirenópolis, o que ocorreu em 1882. Desse modo, a Câmara de vereadores, de posse dos dados históricos correspondentes ao ano passado, reconheceu em sessão solene, neste ano de 2011, que sua fundação remonta às primeiras décadas do século XVIII, mais precisamente ao ano de 1736 e 29 de julho continua sendo a data comemorativa, pois, não se conhece a data precisa de sua fundação.

Porém, esta resolução está longe de ser unânime entre os estudiosos da história de Jaraguá. A figura do bandeirante Manoel Rodrigues Thomaz insiste em permanecer na mente de muitos jaraguenses como sendo verdadeiramente seu iniciador e esses investigadores ainda almejam encontrar algum documento histórico que possa comprovar a versão de que o bandeirante português Manoel Rodrigues Tomaz tenha sido o iniciador da cidade.

Espera-se que esse debate continue através do incremento da pesquisa na documentação histórica, ainda não manuseada. É mais do que comprovar a presença de Thomaz na história de Jaraguá, os investigadores trazem à baila os nomes de seus fundadores, bem como outros fatos históricos desconhecidos, de suma importância para a história da cidade.

Notas

- 1 [Ver Duarte (1999) Fonseca (1999) e Pedroso (1999)].
- 2 [Ver mapa de Tossi Colombina, 1751 – (Apud CHAIM, 1974)].

Referências

ALMEIDA, Nelly Alves de. *Jaraguá: história e memória*. (Conferência pronunciada em 1982, no auditório do Palácio do Sol, em Jaraguá, por ocasião do centenário de emancipação da cidade) (Impres.).

ARTIAGA, Zoroastro. *Geografia econômica, histórica e descritiva do Estado de Goiás*. Goiânia: Tipografia Triângulo, 1951.

BERTRAN, Paulo. *Memória de Niquelândia*. Brasília: Fundação Nacional Pró-Memória, 1985.

CHAIM, Marivone de M. *Aldeamentos indígenas de Goiás (1749-1811)*. Goiânia: Oriente, 1974.

CUNHA MATOS, R. J. da. *Chorographia histórica da província de Goyaz*. Goiânia, SUDECO, 1979.

D'ALINCOURT, Luiz. *Memórias sobre a viagem do porto de Santos à cidade de Cuiabá*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1985. (Col. Reconquista do Brasil; 25).

DESCRIÇÃO da Capitania de Goyaz, e tudo que nela é notável té o anno de 1783. In: *Goyaz - Documentos vários - 1743-1786*. (Sessão de manuscrito da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro).

DIEHL, Astor Antônio. A idéia de progresso na história e memória e identidade, perspectivas para a história. In: DIEHL, Astor. *Cultura historiográfica: memória, identidade e representação*. Bauru, SP: EDUSP, 2002.

DUARTE, Lys Elizabeth Amorim Melo. *O Poder e a Estrutura Agrária nos Municípios de Ceres Jaraguá- GO: Uma análise comparativa*. São Paulo: Tese de Doutorado em História Econômica, defendida na FFLCH/USP, São Paulo: 1999.

ENCICLOPÉDIA dos municípios brasileiros. Rio de Janeiro: I.B.G.E., 1958. Vol. XXXVI

FONSECA, Luciano da. *Jaraguá e Modernização*. Dissertação de Mestrado em Sociedades Agrárias, defendida na FCHL/ UFG, Goiânia, 1999.

HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro Editora, 2004.

JAYME, Jarbas. *Esboço histórico de Pirenópolis II* (1ª edição póstuma). Pirenópolis: Estado de Goiás, 1971.

LEVANTAMENTO Histórico e Econômico dos Municípios Goianos. Goiânia: Secretaria da Indústria e Comércio, 1971.

ORDEM RÉGIA (cópia) de 20/07/1782 sobre as memórias anuais, da Rainha D. Maria. In: *Goyaz - Documentos vários - 1743 - 1786* (Sessão de manuscrito da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro).

PEDROSO, Dulce. M. Rios. Jaraguá – a formação de um povoado. In: *Revista de Divulgação científica do IGPA*. Goiânia, Ed. UCG, 1999. V. 3.

_____. *Breve relato da vida do maestro Manoel Marcelino da Silva Álvares*. Escrito por ocasião da Festa de Santa Cecília em Jaraguá. Goiânia, trabalho digitado UCG/IGPA, 1999.

_____. Memória de migração: um estudo de caso sobre as relações interétnicas entre índios e colonizadores em Goiás no século XIX. In: FREITAS, L. G. de (Org.) *Cenários da memória e identidade goiana: o caso de Jaraguá*. Goiânia: AGEPEL, 2004.

POHL, Johann E. *Viagem ao interior do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1976. (Col. Reconquista do Brasil; 14).

REGISTRO de Batizados - Pirenópolis - 1732-1747. Documentos xerocados. Instituto de Pesquisas Históricas do Brasil Central (IPHBC). Universidade Católica de Goiás.

ROMACHELI, M. Helena A. *História de Jaraguá*. Goiânia: M. H. A. Romacheli, 1998.

RÜSEN, Jörn. Perda de sentido e construção de sentido no pensamento histórico na virada do milênio. In: *História: debates e tendências*. Passo Fundo/RS: v. 2, n. 1, dezembro/2001.

SAINT-HILAIRE, Auguste. *Viagem à província de Goiás*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1975. (Col. Reconquista do Brasil).

SALLES, Gilka V. Ferreira de. *Economia e escravidão em Goiás colonial*. Goiânia: Ed. da UFG, 1982).

SILVA E SOUZA, Luiz A da. Memórias do descobrimento e cousas mais notáveis da província de Goiás. In: TELES, J. M. *Vida e obra de Silva e Souza*. Goiânia: Oriente, 1984.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VEIGA, Custódio Pereira da. *Memória do descobrimento - 1785: relação do primeiro descobrimento das minas de Goyaz por Bartolomeu Bueno da Silva*. (Sessão de manuscrito da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro)

HISTORY AND MEMORY: DISCUSSION ON THE CONSTRUCTION OF HISTORICAL ORIGIN AND FOUNDATION OF JARAGUÁ - GO

Abstract: this article presents a discussion on the foundation of the town of Jaraguá, which occurred in the 1730s due to gold exploration. There is historical documentation indicating the discovery of deposits in 1736 by black diggers and the memory of its people forged in the twentieth century possibly indicating such mines discovered and explored in 1731 by the wealthy portuguese Manoel Rodrigues Thomaz founder of Pirenópolis.

Keywords: Memory. Jaraguá. Foundation. Historical document. Manoel Rodrigues Thomaz.

- * Mestre em História pela UFG e doutoranda em História pela mesma universidade. É professora de História de Goiás e de Antropologia na PUC-Goiás e desenvolve pesquisas junto ao povo Avá-Canoeiros e sobre a cidade de Jaraguá-GO (séculos XVIII e XIX). É autora do livro *O povo invisível*, publicado pela Editora da UCG.